

Novos indicadores para o comércio internacional

JOÃO CARLOS FONSECA

RESUMO: Para se aferir da capacidade exportadora de um país e do seu grau de abertura face ao exterior, ao nível internacional, utiliza-se normalmente o valor das exportações e o somatório destas com as importações em relação ao Produto Interno Bruto. No entanto, ao relacionarem os valores das importações mensurados a preços base e das exportações mensurados a preços de aquisição com o valor acrescentado de uma economia, os indicadores padecem de uma incoerência interna e, por isso, não traduzem adequadamente a capacidade exportadora e o grau de abertura de uma economia face ao exterior. Analisando um conjunto de 28 países, incluindo Portugal, o presente artigo avança com novos indicadores que traduzem uma melhor imagem da posição de cada um no comércio internacional.

Palavras-chave: Comércio Internacional, Contabilidade Nacional, Indicadores

TITLE: New indicators for international trade

ABSTRACT: At the international level, to ascertain the export capacity of a country and its openness to the outside is generally used the value of exports and the sum of these with imports relative to Gross Domestic Product. However, when relating the values of imports measured at basic prices and exports measured at purchasers' prices with the added value of an economy, the indicators are suffering from an internal inconsistency and therefore do not accurately reflect the export capacity and the degree of openness of an economy to the outside. Analysing a set of 28 countries, this paper puts forward new indicators that reflect a true and fair view of the position of each country in international trade.

Key words: International Trade, National Accounts, Indicators

JOÃO CARLOS NUNES REIS CAMPOS DA FONSECA

joao.fonseca@gee.min-economia.pt

Doutorando em Economia (UA/DEGEI). Técnico Superior no Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, Portugal.

PhD Student in Economics (UA/DEGEI). Senior Technician at Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministry of Economics, Portugal.

INTRODUÇÃO

Ao nível internacional, para se aferir acerca da capacidade exportadora de um país e do seu grau de abertura face ao exterior, é normalmente utilizado um indicador que reflecte a relação entre as exportações e o somatório das exportações com as importações e o Produto Interno Bruto (PIB), respectivamente.

No entanto, tal como procuraremos demonstrar neste artigo, a construção daqueles indicadores padecem de uma incoerência interna e, por isso, não traduzem adequadamente a capacidade exportadora e o grau de abertura de uma economia face ao exterior.

Com base na contabilidade nacional, o presente artigo tem como objectivo apresentar uma nova metodologia para a construção de indicadores que traduzam, de uma forma mais fidedigna, a posição de cada país no comércio internacional.

Primeiro, comparamos a metodologia tradicional com a nova metodologia proposta e, com base nesta, propomos também um indicador relativo ao Grau de Importação da Economia. Depois, apresentamos os resultados de acordo com ambas as metodologias, demonstrando as insuficiências da metodologia tradicional e as vantagens da nova metodologia. Concluímos o artigo salientando as alterações resultantes da aplicação da nova metodologia.

METODOLOGIA TRADICIONAL VERSUS NOVA METODOLOGIA

De acordo com a metodologia tradicional, a capacidade exportadora e o grau de abertura face ao exterior, é calculado a partir do rácio das exportações e do somatório das exportações com as importações em relação ao PIB, respectivamente.

Na perspectiva da contabilidade nacional, e de acordo com a óptica da produção, o valor acrescentado bruto (B.1g) traduz o saldo entre a produção (P.1) e o consumo intermédio (P.2). O PIB resulta do somatório do valor acrescentado bruto com os impostos líquidos de subsídios aos produtos (D.21-D.31) (ver caixa). Logo, a metodologia tradicional padece de uma incoerência: relaciona os valores das importações mensurados a preços base e das exportações mensurados a preços de aquisição, com o valor acrescentado de uma economia.

De acordo com o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais (SEC95), a produção (P.1) é constituída por todos os produtos criados durante o período contabilístico. O consumo intermédio (P.2) consiste no valor dos bens e serviços con-

sumidos como elementos de um processo de produção, excluindo os activos fixos, cujo consumo é registado como consumo de capital fixo. Os bens e serviços podem ser transformados ou utilizados no processo produtivo.

Os impostos sobre os produtos (D.21) são impostos devidos por cada unidade de um bem ou serviço produzido ou comercializado. Os subsídios aos produtos (D.31) são subsídios pagos por cada unidade de um bem ou serviço produzido ou importado.

Na óptica da produção, a relação entre estas variáveis e o PIB é apresentada na tabela seguinte:

TABELA

1	P.1	Produção
2	P.2	Consumo Intermédio
3=1-2	B.1g	Valor Acrescentado Bruto
4	D.21- D.31	Impostos líquidos dos subsídios aos produtos
5=3+4	B.1*g	Produto Interno Bruto

Na Figura 1, apresenta-se um exemplo da metodologia tradicional aplicado a dois países. Como se pode constatar, para o mesmo nível de produção, de impostos líquidos de subsídios aos produtos e de exportações, o país B regista um rácio exportações/PIB superior em 10 p.p. ao do país A. Isto ocorre devido ao facto do volume de consumo intermédio ser maior no país B (500) do que no país A (400), o que implica um menor denominador da fracção (PIB) e, logo, um maior rácio (ver p. 126).

Neste sentido, ao relacionar as exportações com o PIB acaba-se por comparar realidades económicas mensuradas de forma distinta: exportações mensuradas a preços de aquisição e PIB mensurado como um valor acrescentado da economia. Para ultrapassar esta insuficiência, propomos, de seguida, uma nova metodologia de construção de indicadores para o comércio internacional.

Segundo o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais (SEC₉₅, Comissão Europeia, 1996), na conta de bens e serviços o somatório dos recursos (produção e

FIGURA 1
Exemplo da metodologia tradicional

	Designação	País A	País B
1	Produção (P.1)	900	900
2	Consumo Intermédio (P.2)	400	500
3=1-2	Valor Acrescentado Bruto (B.1g)	500	400
4	Impostos Líquidos de Subsídios aos Produtos (D.21-D.31)	100	100
5=3+4	Produto Interno Bruto (B.1*g)	600	500
6	Exportações (P.6)	300	300
7=6/5	Exportações/PIB (%)	50%	60%

importações) é igual ao somatório dos empregos (consumo intermédio, despesa de consumo final, formação bruta de capital e exportações) da economia, conforme a Figura 2. Como se pode verificar, adicionou-se ainda os impostos líquidos dos subsídios aos produtos porque «dado o modo de avaliação da produção, a preços de base, e dos empregos, a preços de aquisição, é necessário acrescentar os impostos líquidos dos subsídios aos produtos, na parte da conta relativa aos recursos» (Comissão Europeia, 1996, §8.80).

FIGURA 2
Fórmula da conta de bens e serviços

Recursos
$\text{Produção (P.1) + Impostos Menos Subsídios aos Produtos (D.21-D.31) + Importações (P.7)}$ $=$ $\text{Consumo Intermédio (P.2) + Despesa de Consumo Final (P.3) + Formação Bruta de Capital (P.5) + Exportações (P.6)}$
Empregos

As exportações são apenas um dos empregos que são satisfeitos pelos recursos disponíveis na economia. Neste sentido, para se aferir da capacidade exportadora de uma economia basta dividir as exportações pelos recursos (ou pelos empregos), de acordo com a seguinte fórmula:

FIGURA 3
Grau de exportação da economia

$$\frac{\text{Exportações (P.6)}}{\text{Recursos}} \times 100$$

Apesar de os impostos líquidos de subsídios aos produtos poderem incidir sobre os diferentes recursos e empregos, entendemos, por simplificação de cálculos, inseri-lo na totalidade nesta fórmula, em virtude de o Eurostat não publicar dados mais desagregados sobre as várias tipologias de impostos e subsídios aos produtos¹.

Quanto ao Grau de Abertura da Economia, propomos a seguinte fórmula:

FIGURA 4
Grau de abertura da economia

$$\frac{\text{Exportações (P.6) + Importações (P.7)}}{\text{Recursos}} \times 100$$

Com base nesta fórmula conseguimos saber, ao nível da conta de bens e serviços, qual o peso das exportações e importações nos recursos da economia.

Adicionalmente, asseguramos a coerência global das várias componentes da fracção:

- As exportações estão relacionadas directamente com os recursos, ambos valorizados a preços de aquisição;
- Os recursos também incluem as importações.

No entanto, à semelhança do indicador tradicional, este indicador tem como limitação considerar duas vezes o valor das exportações que tiveram origem em importações. Em rigor, apenas se deveria considerar o valor das exportações líquidas das respectivas importações.

Com base nesta metodologia, propõe-se ainda um novo indicador denominado Grau de Importação da Economia, tal como se apresenta na Figura 5.

FIGURA 5
Grau de importação da economia

$$\frac{\text{Importações (P.7)}}{\text{Recursos}} \times 100$$

À semelhança do Grau de Exportação da Economia, o Grau de Importação da Economia pretende aferir a percentagem de utilização de importações nos recursos de uma economia.

Analisando este indicador com o Grau de Exportação da Economia, conseguimos avaliar a posição de cada país no comércio internacional com indicadores directamente comparáveis e coerentes.

RESULTADOS

No Quadro I, apresentamos os resultados dos indicadores de ambas as metodologias para um conjunto seleccionado de 28 países e referentes ao ano de 2007².

Com esta nova metodologia, verificamos que a escala de variação dos indicadores se modifica substancialmente. Ao contrário da metodologia tradicional, não existem indicadores com percentagens superiores a 100%.

QUADRO I

Análise comparativa dos indicadores de comércio internacional – Ano 2007

Nº	Países	Sigla	Exportações % PIB		Grau de Exportação da Economia		Diferença		Exportações + Importações % PIB		Grau de Abertura da Economia		Diferença	
			%	Pos.	%	Pos.	p.p.	Pos.	%	Pos.	%	Pos.	p.p.	Pos.
1	Alemanha	DE	47,0	17	20,0	18	-27,0	-1	86,9	18	36,9	18	-50,0	0
2	Áustria	AT	59,6	11	23,6	10	-36,0	1	113,4	12	44,9	12	-68,5	0
3	Bélgica	BE	83,4	4	27,4	4	-56,1	0	163,0	4	53,5	3	-109,5	1
4	Chipre	CY	47,9	16	21,8	13	-26,1	3	102,1	16	46,5	11	-55,6	5
5	Dinamarca	DK	52,4	14	21,4	15	-31,0	-1	102,4	14	41,8	15	-60,6	-1
6	Eslováquia	SK	86,7	3	26,4	5	-60,3	-2	174,5	3	53,1	4	-121,3	-1
7	Eslovénia	SI	69,5	10	24,0	8	-45,5	2	140,8	9	48,7	9	-92,2	0
8	Espanha	ES	26,9	25	11,2	28	-15,7	-3	60,6	24	25,2	26	-35,4	-2
9	Estónia	EE	72,8	9	24,0	9	-48,8	0	156,8	6	51,7	7	-105,1	-1
10	Finlândia	FI	45,8	18	18,2	19	-27,6	-1	86,6	19	34,4	20	-52,1	-1
11	França	FR	26,5	27	12,0	26	-14,5	1	55,0	28	24,9	27	-30,1	1
12	Grécia	GR	22,7	28	11,5	27	-11,3	1	56,5	27	28,5	24	-28,0	3
13	Holanda	NL	74,5	8	27,8	3	-46,7	5	140,8	10	52,6	5	-88,2	5
14	Hungria	HU	80,5	6	26,4	6	-54,1	0	159,3	5	52,2	6	-107,1	-1
15	Irlanda	IE	80,9	5	26,3	7	-54,5	-2	151,6	8	49,4	8	-102,2	0
16	Itália	IT	29,0	24	12,1	23	-16,9	1	58,3	25	24,4	28	-33,9	-3
17	Letónia	LV	42,3	20	15,4	21	-26,9	-1	104,7	13	38,1	17	-66,6	-4
18	Lituânia	LT	54,1	13	21,3	16	-32,8	-3	121,5	11	47,9	10	-73,6	1
19	Luxemburgo	LU	177,3	1	40,7	1	-136,6	0	321,0	1	73,6	1	-247,4	0
20	Malta	MT	89,9	2	30,6	2	-59,3	0	181,7	2	61,8	2	-119,9	0
21	Noruega	NO	45,4	19	21,8	14	-23,6	5	75,6	21	36,3	19	-39,3	2
22	Polónia	PL	40,8	21	15,5	20	-25,3	1	84,4	20	32,0	21	-52,3	-1
23	Portugal	PT	32,3	22	13,4	22	-19,0	0	72,6	22	30,0	22	-42,6	0
24	Reino Unido	UK	26,7	26	12,1	24	-14,6	2	56,5	26	25,7	25	-30,9	1
25	República Checa	CZ	80,1	7	23,1	12	-56,9	-5	155,1	7	44,8	13	-110,4	-6
26	Roménia	RO	29,3	23	12,0	25	-17,2	-2	72,4	23	29,8	23	-42,6	0
27	Suécia	SE	51,9	15	21,0	17	-30,9	-2	96,3	17	39,0	16	-57,3	1
28	Suíça	CH	56,2	12	23,4	11	-32,8	1	102,2	15	42,5	14	-59,7	1
Média Ponderada			58,3		17⁽¹⁾		-41,3		116,2		41,8		-74,4	
Máximo			177,3		40,7		-136,6		321,0		73,6		-247,4	
Mínimo			22,7		11,2		-11,5		55,0		24,4		-30,6	

(1) Média ponderada pelos respectivos recursos

As elevadas percentagens obtidas nos indicadores habitualmente usados acabavam por reflectir a incoerência dos mesmos: misturar valores brutos com valores acrescentados, tal como iremos demonstrar nos pontos seguintes.

No Quadro I observa-se também que os países mais pequenos tendem a ter um maior peso das exportações sobre o total dos recursos utilizados na economia. Isto pode ser parcialmente explicado pela menor dimensão dos mercados domésticos e, no caso de alguns países como a Holanda e a Bélgica, por serem pontos de passagem de mercadorias.

Portugal pertence ao grupo de países que não altera a sua posição relativa em ambos as metodologias, mantendo-se sempre no 22.º lugar dos respectivos *rankings*.

Exportações em % do PIB versus grau de exportação da economia

Da análise do Quadro I verificamos também que as posições relativas de cada país nos dois conjuntos de indicadores não se alteram substancialmente, com excepção de um número restrito de países onde se destacam a Noruega, a Holanda e a República Checa.

A República Checa e a Holanda³ (vd. Quadro II e III) são dois exemplos que ilustram as insuficiências da metodologia tradicional e reforçam a robustez da metodologia aqui apresentada, em virtude de serem os países que registam maior alteração na sua posição relativa (Holanda mais 5 posições e República Checa menos 5 posições).

QUADRO II

Resumo dos agregados da República Checa e Holanda – Ano 2007

Recursos				Empregos					PIB
Produção	Impostos - Subsídios	Importações	Total	Consumo Intermediário	Consumo Final	Formação Bruta de Capital	Exportações	Total	
P.1	D.21-D.31	P.7		P.2	P.3	P.5	P.6		
República Checa									
332.591	12.874	95.603	441.068	218.134	86.618	34.381	101.934	441.067	127.331
75,4%	2,9%	21,7%	100,0%	49,5%	19,6%	7,8%	23,1%	100,0%	
Holanda									
1.081.653	64.700	377.234	1.523.587	577.096	407.486	112.029	424.229	1.520.840	569.257
71,0%	4,2%	24,8%	100,0%	37,9%	26,8%	7,4%	27,9%	100,0%	

De acordo com a metodologia tradicional, a República Checa apresenta um rácio de exportações em percentagem do PIB de 80,1%, alcançando a 7.ª posição no *ranking* de países seleccionados, e a Holanda regista um rácio de exportações em percentagem do PIB de 74,5%, alcançando por sua vez a 8.ª posição.

QUADRO III

Comparação dos indicadores entre a República Checa e Holanda – Ano 2007

Exportações % PIB		Grau de Exportação da Economia	
República Checa			
%	Pos.	%	Pos.
80,1	7	23,1	12
Holanda			
%	Pos.	%	Pos.
74,5	8	27,8	3

No entanto, de acordo com a nova metodologia, o Grau de Exportação da Economia da República Checa é de 23,1% e o da Holanda é de 27,8%, revelando-se este país com maior capacidade exportadora face aos recursos que utiliza. Esta alteração na posição relativa é principalmente explicada pelos diferentes pesos do consumo intermédio no total dos empregos que os dois países apresentam: 49,5% na República Checa e 37,9% na Holanda.

Assim sendo, não faz sentido que a República Checa, ou qualquer outro país, seja beneficiado na sua posição relativa porque incorpora uma maior percentagem de consumo intermédio na sua produção, apresentando uma ineficiência comparativa. Ao dividir-se as exportações pelos recursos obtém-se um resultado mais fidedigno da real capacidade exportadora da economia e da sua posição relativa, face aos restantes países.

Exportações mais importações em % do PIB versus grau de abertura da economia

Da leitura dos resultados constantes no Quadro I, verificamos ainda que, com excepção de Chipre, Holanda e República Checa, as posições relativas de cada país nos dois conjuntos de indicadores não se alteram substancialmente.

Mais uma vez, os exemplos da República Checa e da Holanda (Quadro IV) são paradigmáticos das insuficiências da metodologia tradicional e da maior robustez da metodologia proposta.

Segundo a metodologia tradicional, a República Checa apresenta um rácio de exportações mais importações em percentagem do PIB de 155,1%, mais do que os 140,8% da Holanda. No entanto, de acordo com a metodologia proposta o Grau de

QUADRO IV**Comparação dos indicadores entre a República Checa e Holanda – Ano 2007**

Exportações + Importações % PIB		Grau de Abertura da Economia	
República Checa			
%	Pos.	%	Pos.
155,1	7	44,8	13
Holanda			
%	Pos.	%	Pos.
140,8	10	52,6	5

Abertura da Economia da República Checa (44,8%) é inferior ao da Holanda (52,6%) em 7,8 p.p.

A explicação para esta diferença é semelhante ao caso anterior. Devido ao maior peso do consumo intermédio nos recursos da República Checa relativamente ao da Holanda, o PIB da República Checa é comparativamente mais pequeno e, por isso, o rácio de exportações em percentagem do PIB é maior. Mas representando as importações e exportações uma tipologia de recursos e empregos de uma economia, respectivamente, não faz sentido que um país como a República Checa, que tendo uma menor utilização percentual das importações e das exportações no total dos recursos e dos empregos utilizados na conta de bens e serviços, acabe por ser apresentado como tendo um grau de abertura maior que o da Holanda.

Grau de importação da economia

No Quadro V apresentamos o Grau de Importação da Economia, introduzido na Figura 5 (ver p. 132).

Entre os países considerados, Portugal encontra-se em 21.º lugar no *ranking* com 16,7% de Grau de Importação da Economia. O Luxemburgo encontra-se em 1.º lugar com, 33%, e a Itália em 28.º e último lugar, com 12,2%. À semelhança do que acontece no Grau de Exportação da Economia, os países pequenos tendem a apresentar valores mais elevados neste indicador, sugerindo que o peso das exportações e das importações de cada país tende a ser similar.

A Figura 6 (ver p. 133) confirma esta ideia ao conjugar o Grau de Exportação da Economia com o Grau de Importação da Economia. O eixo horizontal e vertical representa a média ponderada pelos recursos dos 28 países. A diagonal de 45.º repre-

QUADRO V

Grau de importação da economia – Ano 2007

Nº	Países	Sigla	Grau de Importação da Economia		Nº	Países	Sigla	Grau de Importação da Economia	
			%	Pos.				%	Pos.
1	Alemanha	DE	16,9	20	15	Irlanda	IE	23,0	11
2	Áustria	AT	21,3	14	16	Itália	IT	12,2	28
3	Bélgica	BE	26,1	6	17	Letónia	LV	22,7	12
4	Chipre	CY	24,7	9	18	Lituânia	LT	26,6	5
5	Dinamarca	DK	20,4	15	19	Luxemburgo	LU	33,0	1
6	Eslováquia	SK	26,7	4	20	Malta	MT	31,2	2
7	Eslovénia	SI	24,6	10	21	Noruega	NO	14,5	24
8	Espanha	ES	14,0	25	22	Polónia	PL	16,6	22
9	Estónia	EE	27,7	3	23	Portugal	PT	16,7	21
10	Finlândia	FI	16,2	23	24	Reino Unido	UK	13,5	26
11	França	FR	12,9	27	25	República Checa	CZ	21,7	13
12	Grécia	GR	17,1	19	26	Roménia	RO	17,8	18
13	Holanda	NL	24,8	8	27	Suécia	SE	18,0	17
14	Hungria	HU	25,9	7	28	Suiça	CH	19,1	16

Média ⁽¹⁾	16,5
Máximo	33,0
Mínimo	12,2

(1) Média ponderada pelos respectivos recursos

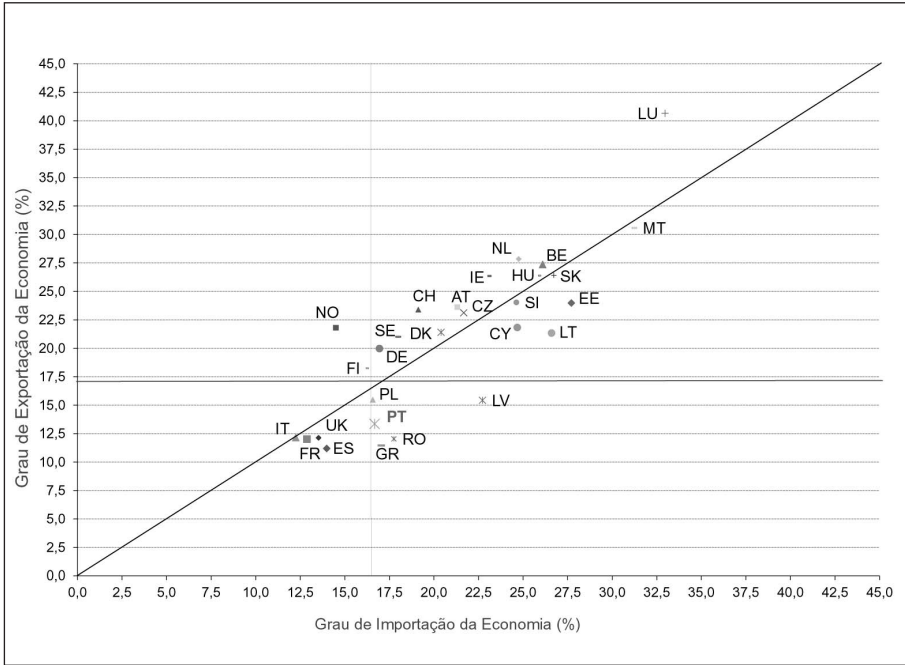
senta o ponto de equilíbrio na Balança Comercial dos países. Acima da diagonal, aparecem países com exportações líquidas positivas, como Luxemburgo, Holanda ou Noruega. Abaixo da diagonal países com exportações líquidas negativas, como Portugal, Espanha, França ou Reino Unido. A figura mostra que os países mais pequenos apresentam graus de exportação e de importação superiores e a disposição das observações em torno da diagonal indica que, independentemente da dimensão do país, os respectivos valores em percentagem dos recursos não são divergentes.

Finalmente, observa-se que Portugal regista um Grau de Exportação inferior a alguns países de dimensão semelhante (Bélgica, Hungria, República Checa), indicando que tanto as exportações como o grau de abertura apresentam potencial de crescimento.

CONCLUSÕES

A metodologia que é habitualmente usada para aferir a capacidade exportadora e o grau de abertura de uma economia face ao exterior padece de uma incoerência em

FIGURA 6
Grau de importação da economia e grau de exportação da economia



Nota: Ver legenda no Quadro V

virtude de se misturar, em ambos os indicadores, valores brutos no numerador e valores acrescentados no denominador.

Para evitar esta incoerência, propôs-se o indicador de Grau de Exportação da Economia (aferido pelo rácio exportações/recursos) e o Grau de Abertura da Economia (dividindo-se o somatório das exportações e importações pelo total dos recursos da conta de bens e serviços de uma economia).

Com base nesta metodologia, os valores dos indicadores relativos às exportações e ao grau de abertura são substancialmente reduzidos e a posição relativa dos países é apresentada de forma mais realista. Com os novos indicadores, Portugal registou, em 2007, um Grau de Exportação da Economia e um Grau de Abertura da Economia de 13,4% e de 30%, respectivamente (32,3% e 72,6% na metodologia antiga). O Grau de Importação da Economia de Portugal é de 16,7%.

O autor agradece os preciosos comentários de Ricardo Pinheiro Alves, Vanda Dóres e Paulo Lérias Júlio.

NOTAS

1. Em bom rigor, dever-se-ia incluir apenas os impostos e os subsídios aos produtos relacionados com as exportações. Ao longo de todo o artigo quando se faz referência aos recursos, este também engloba os impostos menos subsídios aos produtos na sua totalidade.

2. A fonte dos dados é o Eurostat, os quais foram extraídos a 1 de Setembro de 2010 para todos os países excepto Portugal. Para Portugal, os dados são do Instituto Nacional de Estatística (contas nacionais anuais portuguesas), em virtude de terem dados mais actualizados do que a base de dados do Eurostat. Este é o último ano em que existem dados disponíveis para todos os indicadores referentes a Portugal.

3. A Holanda é o único país analisado onde o total dos recursos não é igual ao total dos empregos devido a uma discrepância estatística. No entanto, este valor não altera os resultados apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comissão Europeia (1996), «Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na Comunidade» (*SEC₉₅*), Regulamento (CE) n.º 2223/96 do Conselho, de 25 de Junho de 1996, Bruxelas.